

A ORIGEM DOS PRESBÍTEROS-EPÍSCOPOS NA IGREJA DO NOVO TESTAMENTO (III)

Antonio José de Almeida

4.3. A missão entre os pagãos, os "apóstolos" e os dirigentes locais¹

A missão de Filipe e, depois, de Pedro e João na *Samaria* (At 8,5-25; cf. 1,8) inaugura já uma superação dos estreitos confins de Israel para dirigir-se aos "outros", os heterodoxos, os excluídos, a exemplo do próprio Jesus (cf. Lc 9,51-56; 10,29-37 e Jo 4).

Também a *Galiléia*, pelo que dá a entender At 9,31, foi sede de várias comunidades cristãs, como se pode deduzir do interesse dos evangelhos por esta região, do testemunho de algumas fontes rabínicas sobre discípulos galileus de Jesus, e dos interrogatórios a que foram submetidos alguns parentes de Jesus por Domiciano (cf. Eusébio, H.E., III, 20,1-6).

Através de At 9,1-25 vimos a saber da existência de uma comunidade cristã em *Damasco* já na primeira metade dos anos 30, embora não saibamos como ela surgiu. A um de seus membros, Ananias, que devia ser um judeu-cristão (cf. At 22,12), coube a honra de batizar

¹ Cf. A.J. de ALMEIDA, "A origem dos presbíteros-episcopos na Igreja do Novo Testamento" (I), *Perspectiva Teológica* 32 (2000) 329-362, e (II) *Perspectiva Teológica* 33 (2001) 67-86 .

Paulo. É possível que Paulo, após sua conversão e os anos passados na Arábia (cf. Gl 1,17), tenha iniciado uma atividade missionária na própria Damasco, de onde teve depois que escapar dentro de uma cesta (cf. 2Cor 11,31-33; At 9,23-25).

Numa palavra, há uma missão cristã, e, portanto, “apóstolos/misionários”⁶⁹, praticamente desde os primeiros anos da Igreja cristã, primeiro, nos limites de Israel, depois, na Samaria e, ainda muito cedo, também em ambientes pagãos.

À medida, pois, que a *missão cristã* avança entre os pagãos, foi preciso organizar o *serviço missionário dos “apóstolos”*, palavra que significa justamente “missionários”, “enviados”.

O primeiro grande centro de irradiação missionária do Evangelho foi a Igreja de *Antioquia da Síria*⁷⁰. Como já sabemos, esta comunidade, animada por “profetas e doutores” (cf. At 13,1), resolveu enviar dois de seus membros, Barnabé e Paulo, como “apóstolos” a Chipre e às cidades do sul da Ásia Menor (cf. At 13,1-3)⁷¹. Paulo ficará conhecido na tradição cristã como o Apóstolo por antonomásia. E quando

⁶⁹ Paulo se refere a esses missionários quando, ao fazer a apologia de seu apostolado, menciona “os apóstolos mais antigos” do que ele (cf. Gl 1,17).

⁷⁰ Antioquia sobre o Oronte era a terceira cidade do Império; nela habitava há séculos uma numerosa comunidade judaica. Foi aí que o Evangelho foi pregado pela primeira vez aos gregos, isto é, aos pagãos propriamente ditos e que os discípulos receberam pela primeira vez o nome de “cristãos” (cf. At 11,19-26). Por suas origens e pela permanência de Paulo, a Igreja de Antioquia devia ser muito aberta às instâncias culturais do helenismo. Com a crescente diferenciação entre cristianismo e judaísmo, deve ter-se dividido em pelo menos dois setores: os cristãos de proveniência pagã e os de proveniência judaica, subdivididos estes por sua vez em liberais e conservadores. Provavelmente o Evangelho de Mateus foi redigido aí, “quale tentativo di risposta a quella complessa situazione, cercando di comporre ‘cose antiche e cose nuove’ (Mt 13,52). L’apertura ai pagani vi si combina con chiare esigenze giudeo-cristiane (etiche e disciplinari) e con una struttura gerarchica che riconosce a Pietro un ruolo di primaria importanza (cf. Mt 16,18-19). La situazione antiochena viene poi ulteriormente rispecchiata probabilmente dalla Didaché (su un versante piuttosto legalistico e, forse, meno cittadino) e dalle Lettere di Ignazio, su un versante non giudaizzante, ma comunque preoccupato per la gerarchia e la fede retta della Chiesa”: cf. R. PENNA, “Lineamenti di storia della Chiesa primitiva”, in R. FABRIS, *Introduzione generale alla Bibbia*, Torino, 1994, p. 138. Sobre o caráter heterogêneo da Igreja de Antioquia, cf. V. FUSCO, *Le prime comunità cristiane...*, *Op. cit.*, p. 215ss; J. MURPHY-O’CONNOR, *Paulo*. Biografia Crítica, São Paulo, 2000, p. 161ss; E. COTHENET, “L’Église d’Antioche”, in P. GEOLTRAIN (ed.), *Op. cit.*, pp. 362ss.

⁷¹ A. LEMAIRE, *Les ministères aux origines*, *Op. cit.*, p. 196: “Ce titre d’ ‘apôtre’ semble surtout avoir été utilisé à Antioche, où la communauté naissante, animée par des ‘prophètes’ tels que Barnabé et des ‘docteurs’, probablement des rabbis juifs convertis, comme Saul, s’est très vite adressée aux païens. Ces prédicateurs ne se limitèrent pas à la région d’Antioche mais décidèrent bientôt de faire connaître leur nouvelle doctrine aux autres communautés juives de la Diaspora: à Chypre et dans le sud de l’Asie Mineure. C’est cette mission qui valut à Barnabé et à Saul le titre d’ ‘apôtres’. Il est

evoca a organização dos ministérios na Igreja, começa a lista com os ministros que conheceu em Antioquia: “Os que Deus dispôs na Igreja são, primeiro apóstolos, segundo profetas, terceiro doutores” (1Cor 12,28).

A missão não era organizada apenas pelo centro missionário de Antioquia: a comunidade de Jerusalém enviava também delegados, “apóstolos”, para as diversas comunidades da Diáspora. Para diminuir as ocasiões de conflitos entre os diversos apóstolos, um acordo parece ter sido realizado em Jerusalém, repartindo as áreas de evangelização: apesar da convivência entre judeus e pagãos em quase todas as grandes cidades do Mediterrâneo, os judeus da Diáspora ficavam a cargo dos “apóstolos” de Jerusalém e os pagãos, a cargo de Paulo e Barnabé, quer dizer, provavelmente do centro missionário de Antioquia.

Como foram se organizando as comunidades que iam surgindo nos dois grandes âmbitos em que o trabalho missionário se desenvolvia?

As comunidades judeu-cristãs da Diáspora se organizaram de acordo com o modelo da comunidade-mãe de Jerusalém e das comunidades judaicas tradicionais colocando à sua frente um grupo de *presbyteroi*. Não é de se descartar *a priori* a hipótese de que a instalação de “presbíteros” nas novas comunidades judeu-cristãs fizesse parte da missão dos “apóstolos” enviados por Jerusalém. Esse grupo de presbíteros, organizado a modo de colégio⁷² — respondia pelos cuidados pastorais da comunidade: “deviam velar sobre os seus membros, ocupar-se dos doentes, visitando-os, e dos mais pobres administrando a caixa de recursos. Eram também responsáveis pelo ensinamento, quer dizer, provavelmente, pela homilia pronunciada

vraisemblable que d'autres apôtres furent envoyés dans d'autres régions par la communauté d'Antioche qui apparaît comme un centre missionnaire très dynamique”. J. DUPONT, *Nouvelles études ...*, *Op. cit.*, p. 165: “La valeur documentaire de cette liste de cinq noms n'est pas contestée. Encadrée par les noms de Barnabé et de Saul, elle mentionne trois autres personnages que nous ne connaissons pas par ailleurs et qui ne jouent aucun rôle dans les Actes. Luc doit s'appuyer sur une tradition ancienne et historiquement valable. Luc ne dit pas que ces cinq hommes constituaient le collège qui présidait aux destinées de la communauté. Les exégètes s'accordent à penser que tel est bien le sens de cette liste, qui rappelle celles des Apôtres en 1, 13 et celle des Sept en 6,5. (...) Voici une communauté chrétienne dirigée par des hommes qui ont le don de la parole. Cela n'empêche pas ces 'charismatiques' de former un collège très 'institutionnel', comme la liste de leurs noms suffit à suggérer”.

⁷² Cf. J. COLSON, *Les fonctions ecclésiastiques ...*, *Op. cit.*, p. 98; J. DELORME, *El ministerio y los ministerios ...*, *Op. cit.*, pp. 142.146; L. GOPPELT, *L'età apostolica e subapostolica*, Brescia, 1986, 252; E. CATTANEO, *I ministeri nella Chiesa antica: Testi patristici dei tre primi secoli*, Milano, 1997, pp. 97-106; 160.

nas reuniões de oração, e pela leitura dos escritos inspirados. É verossímil que um personagem mais em vista, como Tiago em Jerusalém, assegurasse a presidência deste colégio⁷³.

As comunidades pagão-cristãs devem muito provavelmente ter-se organizado segundo o modelo da Igreja de Antioquia, tendo como base “apóstolos, profetas e doutores” (1Cor 12,28; cf. At 13,1-2). Segundo Lemaire, “é provavelmente destas diversas missões e dos problemas que eles colocavam que nasceu o pequeno manual missionário da Didaqué. À parte as regras da vida moral, os principais problemas colocados eram de ordem litúrgica: a organização da assembleia, a celebração do batismo e da eucaristia. Estes problemas eram facilmente resolvidos se um ou mais missionários decidiam se instalar na nova comunidade. Mas esta não podia ser a solução universal. Também os missionários, inspirando-se provavelmente em Dt 16,18, aconselhavam as novas comunidades a escolher em seu seio ministros locais, chamados *episkopoi kai diakonoi* na Didaqué, na carta aos Filipenses, na carta de Clemente de Roma e no Pastor de Hermas⁷⁴.

A impressão que se tem, em suma, é de que, neste período de intensa atividade missionária, as comunidades que surgem na moldura de um projeto missionário inteligente levado adiante com uma intensidade extraordinária, organizam-se, graças a uma espécie de acordo entre o apóstolo fundador, a comunidade e aqueles membros que por alguma razão se destacavam entre os demais⁷⁵, de acordo com suas próprias tradições: na Igreja de Tessalônica, existem aqueles que se afadigam, que a presidem e exortam (cf. 1Ts 5,12-13)⁷⁶. A vizinha Igreja de Filipos é, na mesma época, dirigida, por não menos precisados “epískopos” e “diákonos” (cf. Fl 1,1)⁷⁷; Corinto, com toda a sua rica diversidade carismática e ministerial, não deve ser, na perspectiva

⁷³ A. LEMAIRE, *Les ministères aux origines ...*, *Op. cit.*, p. 197. J. DUPONT, *Nouvelles études ...*, *Op. cit.*, p. 160: “Au point de vue historique, la prééminence de Jacques dans la communauté judéo-chrétienne de Jérusalem est un fait incontestable. Elle est attestée déjà par Paul, qui reconnaît en Jacques, Céphas et Jean, ceux qui étaient considérés comme les ‘colonnes’ de l’Église de Jérusalem (Ga 2,9)”. Segundo R. Penna, “l’organizzazione della comunità [de Jerusalém] passa da una responsabilità oligarchica, oltre ai Dodici, (cf ‘le colonne’ Giacomo-Pietro-Giovanni in Gal 2,9) a quella monarchica, vedi il ministero individuale di Cefa e di Giacomo, fratello del Signore), comprendendo però anche un coinvolgimento di tutta la Chiesa (cf At 6,2,5; 8,14; 15,22)”: R. PENNA, “Lineamenti di storia della Chiesa primitiva”, in R. FABRIS, *Introduzione generale alla Bibbia ...*, *Op. cit.*, p. 136; cf. pp. 131-132, sobre Tiago; cf. A. BENOIT, “Les personnages de l’Évangile nommés Jacques”, in P. GEOLTRAIN (ed.), *Op. cit.*, pp. 249-250.

⁷⁴ A. LEMAIRE, *Les ministères aux origines ...*, *Op. cit.*, p. 196.

⁷⁵ Cf. G. LEONARDI, “Varietà di ministeri ...”, *Op. cit.*, p. 128.

⁷⁶ Cf. também Rm 12,8.

⁷⁷ Cf. também 1Cor 16,15; Cl 4,17. Sobre a autenticidade e a datação da Carta aos Filipenses, cf. J. MURPHY-O’CONNOR, *Paulo ...*, *Op. cit.*, pp. 223-228.

de Paulo, nem um caos carismático⁷⁸, nem uma anarquia ministerial⁷⁹ e está longe de ser o modelo ideal das Igrejas paulinas⁸⁰.

⁷⁸ Paulo aborda a questão dos “carismas” nos capítulos 12–14 da 1Cor a partir de um problema restrito e particularizado cujo contexto imediato eram as reuniões em que “a Igreja toda se congrega” (14,23) – o problema do profetizar, (14,3-5) e o problema do orar em línguas (14,13) – que dão a Paulo a ocasião de colocar com clareza alguns princípios fundamentais de discernimento (cf. 1Ts 5,21): a edificação da Igreja (14,3.5.12.17.19.26.31), a evangelização dos não-crentes (14,22-25), dentro de um clima de “ordem e harmonia”(14,4), porque “Deus não quer a anarquia, mas a paz (14,33)!”
⁷⁹ Como queria H. KÜNG: “Une analyse de la constitution paulinienne de l’Église tend à prouver la possibilité d’une organisation charismatique de la communauté en l’absence d’intronisation spéciale au ministère, ordination). L’Église de Corinthe, par exemple, ne connaissait ni presbytres, ni épiskopes, ni ordination: à l’exception de l’autorité de l’Apôtre, la communauté vivait uniquement de l’apparition des charismes en son sein. Néanmoins, et selon le témoignage même de Paul, l’Église de Corinthe était une communauté parfaitement nantie en vue de la proclamation de la Parole, la collation du baptême, la célébration de la Cène du Seigneur et les autres ministères”: H. KÜNG, “Thèses concernant la nature de la succession apostolique”, *Concilium* 34 (Fr) 1968) 34s. Deve-se, evidentemente, reconhecer que as cartas autenticamente paulinas não mencionam os presbíteros, documentados, porém, nas Pastorais, nos Atos, na carta de Tiago e na 1ª Pedro, “mais il reste à savoir si la responsabilité confiée à ces presbytres n’y est pas attestée sous d’autres formes ou éventuellement avec d’autres titres”: P. GRELOT, “La structure ministérielle de l’Église d’après saint Paul”, *Istina* 15 (1970) 392, como é o caso de Fl 1,1 (*episkopoi kai diákonoi*), de 1Ts 5,12-13 (que menciona “os que se afadigam” [*kopiôntas*], “os que a presidem” [*proïstamenous*] e “os que admoestam [*nouthetouîntas*] no Senhor”), de Rm 12,8 (onde de novo Paulo se refere “ao que preside”), e, na própria primeira aos Coríntios, não só a menção ao trio tradicional “apóstolos, profetas e mestres” (1Cor 12,28), mas também aos dons de “assistência” e de “governo” (1Cor 12,28) e, no final da carta, às “primícias da Acaia” – a família de Estéfanos – que “se aplicaram ao serviço (*diakonían*) dos santos” e, por isso, Paulo pede que os Coríntios “sejam deferentes (*hypotássesste*) para com eles e para com quantos colaboram e se afadigam (*pantì toi synergoûnti kai kopiônti*) com eles” (1Cor 16,15-18). Em vista disso, pode-se concluir que “il y a là un faisceau d’indices qui permet d’entrevoir l’existence d’une certaine organisation ministérielle dans l’Église de Corinthe, même si les textes ne permettent pas d’en reconstituer avec précision les traits essentiels. Le développement des chapitres 12 – 14 (...) met l’accent sur la finalité sociale des charismes, non sans laisser entendre que toute ministère exige un charisme proportionné. Mais il ne fournit pas un exposé ex professo sur les ministères en cause. Il ne se soucie pas de les hiérarchiser, en élaborant une théorie générale des structures ecclésiastiques”: P. GRELOT, *Op. cit.*, p. 403. *Ibidem*, p. 406: “On voit que, durant cette phase du ministère paulinien, l’organisation interne des Églises est complexe; plus complexe sans doute que ne le laisseront entendre les Actes des apôtres; mais moins informelle que ne le ferait supposer une interprétation abusive de 1 Cor. 12–14”.

⁸⁰ J. MURPHY-O’CONNOR, *Paulo ...*, *Op. cit.*, p. 259: “Seus membros eram dedicados e entusiásticos Mas mostraram-se a Igreja mais exasperante com a qual Paulo teve de lidar. A falta de clareza da pregação de Paulo exacerbava sua tendência para entendê-lo mal. Praticamente toda declaração que ele fazia fixava-se em suas mentes de uma forma ligeiramente distorcida, e dessa semente imperfeita floresceram estranhas abordagens de diversos aspectos da vida cristã. Em consequência disso, Paulo viu-se obrigado a pensar muito mais profundamente em uma série de questões”. Na verdade, a Igreja de Corinto “diede molte preoccupazioni all’Apostolo e ancora alla fine del secolo provocò la lettera della Chiesa di Roma (= Lettera di Clemente) dopo che i corinzi avevano rimosso dal loro ministero ‘episcopale’ alcuni precedentemente eletti (cf. 1 Clem. 44)”: R. PENNA, “Lineamenti di storia della Chiesa primitiva”, in R. FABRIS,

Ademais, não se pode deixar de considerar o fato de que, “na origem das comunidades paulinas encontramos, geralmente, dois ou três apóstolos fundadores: por exemplo, Paulo e Barnabé (1Cor 9,5); Paulo, Silas/Silvano e Timóteo (1Ts 1,1 e 2,7). Eles organizam a comunidade, e por isso a estimulam e a dirigem. (...). Paulo, na qualidade de apóstolo fundador, preocupa-se, embora defendendo a devida autonomia da sua comunidade, também com a comunhão com as Igrejas-mãe de Jerusalém e de Antioquia, e especialmente com Pedro (Gl 1,11, 2,21). As funções dos apóstolos fundadores, quando de sua partida, passam para a inteira comunidade com os grupos dirigentes locais já constituídos. Os fundadores manterão também de longe uma alta direção e assistência até o completo amadurecimento. Exercê-las-ão através de visitas ou através de seus enviados ou através de seus escritos”⁸¹.

4.3.1. Os presbíteros-episcopos são sucessores dos “apóstolos/missionários”?

Já vimos que os presbíteros-episcopos não são sucessores dos Doze. A questão que se coloca agora, em relação à origem dos presbíteros-episcopos, é a seguinte: os presbíteros-episcopos são sucessores do apóstolo Paulo e/ou dos apóstolos/missionários seus colaboradores?

A primeira coisa que se deve dizer é que os presbíteros-episcopos se diferenciam do Apóstolo de diversas maneiras: eles não viram Jesus ressuscitado; eles não foram delegados para o apostolado por Ele; os

Introduzione generale alla Bibbia ..., Op. cit., p. 139. Segundo P. BUDILLON, “il semble légitime de conclure de tout cela qu’on ne saurait trouver une organisation ministérielle bien définie et solidement mise en place dans une communauté fondée depuis à peine quelques années, formée de convertis de fraîche date, sans doute pleins de bonnes dispositions mais encore bien peu capables de s’arracher complètement aux séductions du paganisme ambiant, communauté n’ayant pas bénéficié comme d’autres d’une implantation dans le judaïsme qui aurait accéléré sa structuration et sur laquelle l’apôtre estime devoir exercer directement son autorité... Dans ces conditions, on ne voit pas pourquoi on nous proposerait comme modèle idéal et normatif la constitution d’une Église qui ne présente encore rien de bien édifiant à nos yeux, constitution sur laquelle en outre on n’a pas de précision et qui, en tout état de cause, ne pouvait être encore qu’embryonnaire”: P. BUDILLON, “La première épître aux Corinthiens et la controverse sur les ministères”, *Istina* 16 (1971) 485.

⁸¹ G. LEONARDI, “Varietà di ministeri ...”, Op. cit., p. 126. P. GRELOT, “La structure ...”, Op. cit., p. 400: “Comme tout le reste de la lettre [1Cor], ce chapitre [16] montre que Paul conserve une autorité directe sur la communauté qu’il a fondée à Corinthe. Pour une part, il l’exerce par lettre (...). Le prochain passage de Paul, prévu pour le temps qui suivra la Pentecôte (16,8)(...). Mais, par ailleurs, on constate qu’il exerce aussi son autorité par l’intermédiaire de ses envoyés spéciaux: c’est dans ce but qu’il annonce l’arrivée prochaine de Timothée (4,17;16,10), en invitant à le traiter avec tout le respect nécessaire (...) l’existence des envoyés spéciaux qui représentent l’apôtre absent contribue évidemment à relativiser l’importance des autorités locales mises en place par lui. A mesure que le temps passera, il sera normal que leur importance grandisse”.

traços característicos e o esquema mental de um presbítero-episcopo residente são muito diferentes dos de um apóstolo missionário. Quanto a uma possível transmissão de poderes (sobretudo sacramentais), que é como muitos pensam a sucessão, não temos informações suficientes: o Novo Testamento praticamente não informa se Paulo batizava, se Paulo presidia a Eucaristia, se os presbíteros-episcopos o faziam. Nos limites das cartas autenticamente paulinas, tudo o que se pode fazer a propósito são conjecturas.

Não obstante as diferenças entre os presbíteros-episcopos e o Apóstolo (e, mais amplamente, os apóstolos/missionários), é plausível a afirmação de que os presbíteros-episcopos sucedem ao Apóstolo (e, mais amplamente, aos apóstolos/missionários) em termos de cuidados “pastorais”. Como se deu esta passagem? Foi o próprio Apóstolo que nomeou os presbíteros-episcopos ao deixar a comunidade por ele fundada? Ou são duas funções separadas pelo intervalo de uma geração, isto é, quando os apóstolos/missionários morreram, emergiram líderes locais que assumiram o posto deixado vago por eles?

Segundo o livro dos Atos, desde a primeira viagem missionária (mais ou menos em 48 d.C.), Paulo e Barnabé nomeiam presbíteros nas Igrejas por eles fundadas (At 14,23)⁸². Quase no fim da terceira viagem

⁸² Esta informação não é confirmada pelo epistolário paulino. Pode-se tratar de um anacronismo de Lucas – como pensam muitos – mas pode-se também levantar outra hipótese: “Es natural que al dejar las Iglesias que habían fundado se preocupasen los misioneros de su ulterior funcionamiento y las proveesen de responsables... Entra en lo posible que las comunidades de Iconio y de Antioquia de Pisidia, nacidas junto a las sinagogas, dieran a sus responsables el título de ‘ancianos’, pero no puede afirmarse con seguridad. Sea lo que fuere, Lucas conoce en Jerusalén a unos ancianos que suplen a la falta de apóstoles. Al nombrar a los ancianos en las comunidades paulinas quizá quiera subrayar la identidad de estructura en las diversas Iglesias”: A. GEORGE, “La obra de Lucas: Hechos y Evangelio”, in J. DELORME (org.), *El ministerio y los ministerios según el Nuevo Testamento*, Madrid, 1975, p. 213. De modo semelhante pensa J. DUPONT: “S’il ne faut pas trop demander à 14, 23 sur le mode d’institution des presbytres et leur ‘ordination’, il n’en reste pas moins vrai que ce verset prétend savoir que Barnabé et Paul instituaient déjà, dans les années quarante, des presbytres pour les Églises du monde gréco-romain. Plusieurs auteurs croient pouvoir accepter ce renseignement. Il est exact que Paul ne mentionne pas de ‘presbytres’ dans ses lettres; mais, explique H. Schürmann, ses communautés devaient avoir une organisation presbytérale analogue à celle des communautés juives de la Diaspora. L’autorité que Paul continue à exercer sur ces chrétiens et l’importance de la place qu’y tiennent les charismes expliqueraient l’ombre qui plane sur le collège presbytéral (peu importe le nom) et le fait que les presbytres apparaissent tardivement en plène lumière”: J. DUPONT, *Nouvelles études ...*, *Op. cit.*, p. 175; para a discussão exegética, cf. pp. 171-179. No mesmo artigo, J. DUPONT, porém, observa que “on doit reconnaître, d’autre part, que Luc utilise d’une manière souvent très libre les données dont il dispose, les interprétant en fonction des problèmes que la disparition des Apôtres pose à l’Église de son temps (...); l’organisation presbytérale est appliquée aux Églises pauliniennes d’une manière qui paraît simplifier une situation plus complexe”: *ibidem*, p. 184.

missionária (no ano 58 aproximadamente), depois de ficar cerca de três anos em Éfeso, Paulo entrega em Mileto aos presbíteros de Éfeso o cuidado do rebanho: “Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho em meio ao qual o Espírito Santo vos colocou como epískopos para pastorear a Igreja de Deus, que ele conquistou com o seu sangue” (At 20,28). Segundo Lucas, portanto, Paulo costumava deixar presbíteros-episcopos ao retirar-se das comunidades.

Mas há pelo menos duas objeções a esta informação: 1º) Lucas estaria retroprojetando para os anos 40 e 50 estruturas eclesiais próprias da época em que os Atos foram escritos; 2º) nas cartas consideradas autênticas, Paulo nunca menciona a existência de presbíteros nas suas Igrejas, embora se deva reconhecer que Fl 1,1 menciona a existência de “epískopos” na Igreja de Filipos, fundada em torno do ano 50 pelo próprio Paulo.

Para avaliar as informações de Atos e saber se elas são confirmadas por Fl 1,1, temos que responder a duas perguntas: 1ª) havia distinção entre “presbyteros” e “epískopos” no tempo de Paulo?; 2ª) a carta aos Filipenses relata uma típica organização eclesial paulina?

4.3.1.1. Homologia entre presbíteros e episcopos

Quanto à primeira questão, é praticamente consenso que em Atos, na 1ª Pedro e nas Pastorais, os dois termos são praticamente ou parcialmente sinônimos (At 20,17; cf. At 20,28; 1Pd 5,1; cf. 1Pd 5,2; Tt 1,5; cf. Tt 1,7)⁸³.

Se, por conseguinte, nesses casos, podemos falar de “presbíteros-episcopos” (ou seja, de presbíteros e episcopos como termos sinônimos referidos a funções praticamente equivalentes), como explicar o uso, pelo menos basicamente indiferenciado, dos dois termos?

Alguns estudiosos defendem a teoria de que os “presbyteros” existiam nas Igrejas judeu-cristãs, a partir do modelo dos “presbíteros” das sinagogas judaicas, enquanto os “episcopos” existiam nas Igrejas pagão-cristãs, por uma assunção do modelo de organização das livres associações religiosas (e outras) do mundo helenista, que tinham um “episcopos/supervisor” à sua frente.

Esta teoria, porém, tem sido cada vez mais questionada, sob vários pontos de vista⁸⁴:

⁸³ Cf. R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo ...*, Op. cit., p. 67.

⁸⁴ Comentando a obra monumental de M. GUERRA Y GOMES, *Episkopos y presbyteros: Evolución semántica de los términos episkopos-presbyteros desde Homero hasta el siglo segundo después de Jesucristo*, Burgos, 1962, conclui A. LEMAIRE: “À la suite de cette étude, il paraît difficile de parler d’une institution grecque de l’episkopos,

1º) O Novo Testamento fornece tão poucas informações sobre as diferenças entre os modelos ministeriais das Igrejas de origem judaica e de origem pagã que qualquer afirmação a respeito não vai muito além de uma conjectura. Na verdade, não temos nenhuma certeza de que não houvesse “presbíteros” nas Igrejas paulinas (se não se deve argumentar *e silentio* também não se pode argumentar *contra silentium*). A 1ª carta aos Tessalonicenses, a mais antiga de Paulo, escrita em 51, refere-se aos “que trabalham entre vós e os *presidem* no Senhor, e vos *admoestam*” (1Ts 5,12). Estes ministros teriam sido presbíteros? Não se pode afirmá-lo, mas é bom notar que os verbos usados são os mesmos que são referidos aos presbíteros em 1Tm 5,17. Os “*epískopos*” de Fl 1,1, eram presbíteros-episcopos? É bom lembrar que há uma interessante situação paralela em At 20,28: Lucas mostra Paulo chamando os presbíteros de Éfeso de “*epískopos*”; sem esta única referência a “*epískopos*” em Atos, alguém poderia concluir que Lucas não conhecia a existência de “*epískopos*” e que os presbíteros mencionados nas Igrejas de origem pagã dos Atos eram totalmente diferentes dos presbíteros-episcopos. Por isso, segundo Brown, “a hipótese de que os ‘*epískopos*’ mencionados por Paulo na carta aos Filipenses (único caso) não fossem presbíteros é mais uma vez um uso perigoso do argumento do silêncio. Por outro lado, o fato de os ‘*epískopos*’ não serem mencionados em relação com as Igrejas cristãs de origem judaica não é uma prova persuasiva de que naquelas Igrejas não houvesse ‘*epískopos*’. A prova mais importante da presença de presbíteros nessas Igrejas vem dos Atos, que freqüentemente mencionam os presbíteros de Jerusalém (At 11,30; 15,2.6.22-23; 16,4; 21,18). Terá sido Jerusalém um exemplo típico de Igreja judeu-cristã, ou a sua estrutura era mais complexa devido à presença de Tiago (irmão do Senhor)? Podemos ter certeza, a partir dos Atos, de que os presbíteros de Jerusalém não eram presbíteros-episcopos, quando descobrimos por coincidência no mesmo livro que os presbíteros-episcopos de Éfeso o eram?”⁸⁵.

2º) Além disso, um maior conhecimento da seita de Qumrân e de suas influências sobre o cristianismo, também no campo organizativo, tem questionado a teoria segundo a qual a instituição dos “*epískopos*” cristãos seria tributária (pelo menos exclusivamente) das organizações helenísticas. Na regra de vida da seita de Qumrân (1 QS), o que presidia a assembléia comunitária era chamado de “supervisor” (em hebraico: *mebaqqer*) ou “presidente (*paqíd*) de muitos”. O Documento

‘surveillant’, responsable financier, qui aurait été à l’origine de l’évêque chrétien: en effet, le mot *episkopos* est employé de façon très large dans le monde grec pour toute fonction de surveillance ou d’inspection”: A. LEMAIRE, “Les ministères dans la recherche néo-testamentaire. État de la question”, La Maison-Dieu, 115 (1973) 43.

⁸⁵ R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo ...*, Op. cit., p. 68.

de Damasco, por sua vez, informa que havia um supervisor para cada setor e um supervisor (geral) para todos os setores. Não é possível não perceber os vários pontos de contato entre o “supervisor/presidente” de Qumrân e os “epískopos” cristãos: a) *quanto à terminologia*: as raízes hebraicas *bqr* e *pqd* (presentes nos termos *mebaqer* e *paqid* usados em Qumrân) são traduzidas, no Antigo Testamento grego, por palavras relacionadas com o verbo *episkopêin*, pelo que *paqid* é o equivalente hebraico do grego “epískopos”; b) *quanto à função*: o *mebaqer* de Qumrân é o responsável pelos bens comunitários, como o “epískopos” é um “administrador” (*oikónomos*), evidentemente não só financeiro, da comunidade (Tt 1,7) e de sua casa (1Tm 3,4-5); o *mebaqer* de Qumrân exerce um papel de seleção e instrução dos candidatos na Lei, e de julgamento em relação à sua prática, como o “epískopos” deve permanecer firme na doutrina em que foi formado para poder formar e corrigir a outros (Tt 1,9-10; cf. o alerta aos “presbíteros-epískopos” de Éfeso sobre os falsos mestres em At 20,29-31); c) *quanto aos símbolos empregados*: o *mebaqer* de cada setor deve ser como um “pastor” que socorre as ovelhas, como o “epískopos” cristão (At 20,28 e 1Pd 5,2-4)⁸⁶.

Considerados estes paralelos, e outros menos evidentes, seria possível “formular a hipótese de que nas comunidades cristãs a presença de presbíteros ou anciãos, derivada da sinagoga, foi reformulada e modificada a partir do exemplo de uma outra instituição derivada do judaísmo sectário, isto é, a função mais direta do supervisor. O resultado teria sido os “presbíteros-epískopos”, e este desenvolvimento deixa supor que estes funcionários tenham tido uma origem mais antiga e não mais recente. Naturalmente, esta tese das origens é contrária à hipótese de que, no início, os *epískopos* somente existiam nas Igrejas cristãs de origem pagã”⁸⁷.

4.3.1.2. Corinto ou Filipos?

Quanto à segunda questão, se a comunidade de Filipos com seus *epískopoi* (Fl 1,1) pode ser considerada uma estrutura típica de Igreja paulina, uma resposta cabal é quase impossível. Se estivéssemos seguros de que Paulo escreveu as cartas pastorais, a resposta evidentemente seria positiva. Hoje, porém, a maioria dos estudiosos nega a autenticidade paulina dessas cartas. Além disso, argumenta-se, contra a presença de “epískopos” nas Igrejas paulinas, o caso de Corinto, onde não se menciona a presença destes ministros: se existissem, por quê Paulo o teria omitido em sua lista de carismas (1Cor 12)? Por quê teria deixado de apelar para a autoridade desses *epískopoi* nas situações de

⁸⁶ Cf. *Ibidem*, p. 69.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 70

crise em que teve que intervir? Parece, portanto, “plausível admitir o caso da existência de uma Igreja paulina sem ‘epískopos’”⁸⁸. Mas, embora muitos afirmem que Corinto (sem nenhum “epískopos”) seja a regra e Filipos (com *epískopoi*), a exceção, não seria mais provável justamente o contrário? Diversos elementos apontam nesta direção: a) Corinto foi a comunidade em que o missionário Paulo passou mais tempo, o que poderia tê-lo levado a pensar que a comunidade, tão bem acompanhada em seu crescimento e tão rica dos dons do Espírito, pudesse sobreviver sem aquela estrutura; b) para nenhuma comunidade Paulo teve de escrever tantas cartas⁸⁹; c) nestas cartas, ele se comporta como se ele próprio fosse o “epískopo”; d) precisou fazer uma ou mais visitas breves para colocar as coisas no lugar; e) teve de mandar delegados para que suas ordens fossem cumpridas. Por tudo isso, pode-se dizer que “se Corinto foi uma experiência no sentido de deixar uma comunidade sem uma liderança local e oficial, a experiência falhou”⁹⁰. Tendo aprendido com a experiência, teria Paulo introduzido *epískopoi* em Corinto, quando de sua volta em 58? “Se esta hipótese tem algum fundamento, conclui Brown, devemos duvidar que Corinto represente a maneira típica de Paulo proceder em relação à estrutura eclesial. Não é impossível que Paulo, por não querer repetir a experiência de Corinto, tenha apressado o surgir de lideranças locais nas Igrejas por ele fundadas. Portanto, a descrição de Lucas, pela qual Paulo teria nomeado ‘presbíteros-epískopos’ durante sua vida, embora simplificada, pode ser verdadeira em suas linhas essenciais”⁹¹.

4.4. A consolidação eclesial e o papel dos “presbíteros-epískopos”

À expansão missionária segue-se a *consolidação eclesial*. Após o desaparecimento das testemunhas diretas da vida e/ou da ressurreição de Jesus, os responsáveis pela Igreja vão concentrar suas atenções na *fidelidade ao ensinamento do Mestre e na unidade da Igreja*. A carta aos Efésios já assinala esta transição da época “apostólica” para a época dos “evangelistas e pastores” (Ef 4,11)⁹².

⁸⁸ *Ibidem*, p. 71.

⁸⁹ J. MURPHY-O’CONNOR, *Paulo ...*, *Op. cit.*, p. 259: “O Novo Testamento contém só duas cartas, mas estas mencionam duas outras, a primeira carta pré-canônica (5,9) e a Carta Dolorosa, ou “Severa”; (2Cor 2,4). Por conseguinte, quatro ao todo”.

⁹⁰ R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo...*, *Op. cit.*, p. 72.

⁹¹ *Ibidem*, p. 73.

⁹² A origem da carta aos Efésios é há muito tempo discutida, (cf. A. ROBERT / A. FEUILLET, *Introduction à la Bible*, t. II, Tournai, 1959, pp. 505-508). Alguns optam por uma autenticidade paulina direta, (cf. L. Cerfaux, J. Schmidt, H. Schlier); outros, por uma autenticidade paulina mediata (cf. P. Benoît; P. Grelot); enfim, há quem veja na carta aos Efésios um testemunho tardio (anos 90) do dêutero-paulinismo (cf. J. Gnllka).

Levando em conta a sucessão cronológica dos escritos e das fontes a eles subjacentes, com todas as dificuldades e implicações envolvidos neste procedimento, damos-nos conta de que o discurso do Novo Testamento sobre os ministérios tem como um de seus eixos principais a tomada de consciência da *passagem da Igreja dos apóstolos à Igreja pós-apostólica*. Os escritos mais antigos atestam a presença preponderante das testemunhas do mistério pascal e dos primeiros missionários cristãos. Naquele primeiro momento, evidentemente, não se coloca a questão da “sucessão”, pois é evidente o vínculo que une a todos com o acontecimento fundante. Esta situação, porém, insensivelmente, mas inelutavelmente, vai se modificando. O tempo (e por quê não dizer?, também o espaço) vai criando uma distância cada vez maior entre o acontecimento fundante e a vida das comunidades: o laço que os une já não é tão claro; os desafios internos e externos são outros; aparecem figuras divergentes; os apóstolos e seus primeiros colaboradores envelhecem e começam a desaparecer. Toma-se consciência de que algo irreparável e de profundas conseqüências está para acontecer: em breve as comunidades cristãs ficarão sem nenhum laço vivo com a geração das primeiras testemunhas⁹³. Uma época única na história da Igreja está terminando. Uma época privilegiada, onde praticamente passado e presente coincidiam! O futuro, que também quase se confundia com o presente, dada a expectativa da irrupção iminente da parusia, começa também a se distanciar. Entre o acontecimento fundante e a parusia gloriosa abre-se espaço para o tempo da Igreja. O que fazer para que esta não se dissolva nas circunstâncias sempre cambiantes de pessoas, lugares, tendências? O que antes se vivia indistintamente vai agora se decompor em duas referências igualmente necessárias à autenticidade da Igreja: a referência ao passado do acontecimento Jesus na fidelidade à sua palavra, considerada já no final do Novo Testamento como uma tradição e um depósito, e a referência ao presente do Espírito que atua na Igreja. É preciso estar atentos a essas duas referências. Emerge com toda clareza a preocupação com a continuidade e com a “sucessão”: sucessão de toda a Igreja de hoje à Igreja dos apóstolos, e sucessão também dos ministros de hoje aos da primeira geração. Esta suces-

⁹³ R. BROWNING, em *A Death in the Desert*, traduz poeticamente a situação em que se encontrava a Igreja na transição do período apostólico ao período sub-apostólico, cf. R.E. BROWN, *Le Chiese degli apostoli: Indagine esegetica sulle origini dell'ecclesiologia*, Casale Monferrato, 1992, p. 13:

“Non resterà sulla terra, pensaci!
alcun vivente che abbia conosciuto,
che abbia visto con i suoi occhi,
che abbia toccato con le sue mani
Colui che è fin dall'inizio, il Verbo della vita.
Come sarà quando nessuno più dirà
'lo l'ho visto?'”

são, que também é um dom do Espírito, deverá assegurar a continuidade dentro da descontinuidade⁹⁴.

É neste contexto que são compostas as epístolas justamente chamadas de "pastorais". Se elas forem pseudépígrafas, como pensa a maioria dos exegetas⁹⁵, "o eu de Paulo representa o Evangelho dos primeiros apóstolos [e, através deles, o Evangelho de Jesus, cf. 1Tm 2,7; 2Tm 1,11] como este era ensinado na catequese das Igrejas paulinas, por volta dos anos 80-90, e como elas o haviam aprendido no contato com Paulo", que se torna "o modelo típico do Apóstolo"⁹⁶. Se, por outro lado, tiverem sido escritas por Paulo, ou, pelo menos, por algum colaborador muito próximo a ele, a perspectiva da aproximação da morte (cf. 2Tm 4,6) leva o Apóstolo a concentrar toda a sua atenção na continuação da função apostólica no tempo⁹⁷.

⁹⁴ Cf. B. SESBOÛÉ, "Ministerios y estructura de la Iglesia", em: J. DELORME (org.), *El ministerio y los ministerios ...*, Op. cit., p. 339.

⁹⁵ Pela autenticidade das Pastorais são, por exemplo, C. SPICQ, *Saint Paul, les épîtres pastorales*, Paris, 1947, p. LXIX; J. JEREMIAS, *Die Briefe an Timotheus und Titus*, Göttingen, 1963, 8ª ed., pp. 8-9; J.N.D. KELLY, *A commentary on the Pastoral Epistles*, London, 1963, pp. 34s. Por uma sua datação entre o final do século I e os primeiros decênios do século II, são, por exemplo, H.F. VON CAMPENHAUSEN, *Kirchliches Amt und geistliche Vollmacht in den drei ersten Jahrhunderten*, Tübingen, 1953, p. 116; G. BORNKAMM, *Paulo: Vida e Obra*, Petrópolis, 1992, p. 266. Um grupo considerável situa-se numa posição intermediária, reconhecendo nessas cartas extratos autênticos do Apóstolo, retomados e desenvolvidos por um redator ulterior: P.N. HARRISON, *The problem of the pastoral epistles*, Oxford, 1921; A.E. BARNETT, *Paul becomes a Literary Influence*, Chicago, 1941; C.K. BARRET, *The Pastoral Epistles*, Oxford, 1963, pp. 10s; P.N. HARRISON, *Paulines and Pastorals*, London, 1964, pp. 106s; G. HOLTZ, *Die Pastoralbriefe*, Berlin, 1965, p. 17; A.T. HANSON, *The pastoral Letters*, Cambridge, 1966, pp. 10s. Estudos recentes têm sustentado a autenticidade paulina da 2ª Carta a Timóteo: M. PRIOR, *Paul the Letter-Writer and the Second Letter to Timothy* = JSNTSup 23, Sheffield, 1989; A. KENNY, *A Stylometric Study of the New Testament*, Oxford, 1986; J. MURPHY-O'CONNOR, "2 Timothy contrasted with 1 Timothy and Titus", *Revue Biblique* 98, 403-218; Idem, *Paulo ...*, Op. cit., pp. 359-362, segundo J. Murphy-O'Connor, "o único jeito de explicar a aceitação das Pastorais de forma realista é a autenticidade de uma das três cartas. Se uma delas fosse, havia muito tempo, conhecida e reconhecida, então a 'descoberta' atrasada de outras duas com o mesmo feitiço poderia ser explicada de várias maneiras convincentes" (p. 360). Seja como for, deve-se reconhecer a importância das epístolas pastorais no resgate canônico do *corpus paulinum* e não se deveriam colocar as Pastorais e as cartas paulinas consideradas autênticas como contraditórias, (cf. K. KERTELGE, *Paulus in den neutestamentlichen Spätschriften*, Freiburg, 1981, pp. 143-144).

⁹⁶ G. LEONARDI, "Varietà di ministeri ...", Op. cit., p. 105. *Ibidem*, p. 129: "L'annuncio di questo Vangelo è già avvenuto in passato, ma deve essere conservato in tutta la sua purezza, in specie mediante l'adesione a un corpo ufficiale di dottrine che viene chiamato deposito, (1Tm 6,20; 2Tm 1,14); non mancano infatti accanto ai buoni anche falsi maestri (1Tm 1,3-7; Tit 1,10-16; 3,9-11) ed eretici (Tit 3,10)". As palavras de ordem desta fase são "guardar o depósito" (cf. 1Tm 4,20) com a ajuda do Espírito Santo (2Tm 6,14), "guardar os mandamentos" sem manchas e sem reprovações até ao Advento de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1Tm 6,14).

⁹⁷ Cf. J. COLSON, "L'organisation ...", Op. cit., p. 69. Na verdade, "la perspective s'ouvre sur un temps où l'Apôtre ne sera plus là: 'Car un temps viendra, etc. (2 Ti. 4,3-4)'. 'Dans les derniers jours surgiront des temps difficiles' (2 Ti. 3,1-5). Au milieu de ce monde hostile, le 'successeur de l'Apôtre', car il s'agit bien de cela maintenant, devra

As comunidades cristãs têm que completar sem demora a própria organização e, para tanto, desempenham um papel fundamental os colaboradores de Paulo⁹⁸, entre os quais encontramos Timóteo e Tito: “Se eu te deixei em Creta, foi para que ali concluas a organização e estabeleças presbíteros em cada cidade, de acordo com minhas instruções” (Tt 1,5).

Algumas regras são estabelecidas para a instalação de “presbíteros-epískopos” (cf. 1Tm 3,1-7; Tt 1,5-9) e de diáconos (cf. 1Tm 3,8-13) em cada comunidade, evitando-se assim escolhas inadequadas (cf. 1Tm 5,22).

Um tratamento especial merecem aqueles “presbíteros” que exercem a presidência: “Os anciãos que exercem a presidência (*proestôtes presbýteroi*) merecem ser duplamente honrados, sobretudo aqueles que se afadigam no ministério da palavra e no ensino” (1Tm 5,17; cf. 1Tm 3,4-5; 1Tm 5,17; confrontar com 1Ts 5,12...).

Chama à atenção, mas isso não deve ser superestimado, o fato de que o termo “epískopos” apareça no singular. Segundo Lemaire, “o emprego do singular ‘epískopos’ não significa necessariamente que este seja único: o singular se explica muito normalmente pelo emprego da fórmula *ei tis* que acarreta o singular ‘genérico’. Este singular todavia é talvez já o sinal de uma evolução no sentido da unicidade do título *epískopos*”⁹⁹. Segundo Leonardi, “entre os presbíteros emerge já, na qualidade de um seu coordenador, um ‘epískopos’ (1Tm 3,1-7), o qual parece ser um singular coletivo para o grupo dos *presbíteros* (cf. Tt 1,5-9): estes têm o papel de *supervisionar* (‘epískopos’), isto é, de *presidir* (1Tm 5,17) a comunidade; e exercem este papel principalmen-

demeurer fidèle à ce qu’il a appris... sachant de qui il le tient... enseigner, reprendre, redresser, etc... (2 Ti 3,14-17)... prendre pour norme les paroles qu’il a entendues de l’Apôtre (2 Ti. 1,13)”: *Ibidem*, p. 70.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 69: “Le rôle de ceux qui nous avons appelés ‘apôtres auxiliaires’ y apparaît, en effet, au fur et à mesure qu’approche pour Paul le moment ‘de son départ et de sa libation’ (2Tm 4,6) non seulement avec plus de relief et d’autonomie, mais selon une perspective de durée par delà de la mort de l’Apôtre”. G. LEONARDI, “Varietà di ministeri ...”, *Op. cit.*, p. 130; (cf. pp. 106-107: “Per curare meglio tutte le chiese Paolo ha a disposizione una équipe volante di collaboratori pronti a intervenire con la sua autorità ovunque ci fosse bisogno: ne troviamo nominati dodici. Erano forse chiamati evangelisti (2 Tm 4,5; cf. At 21,8 ed Ef 4,11) (...) Questi evangelisti avevano la responsabilità dei grandi centri col compito di dirigere l’evangelizzazione di tutta la zona circostante e l’insegnamento catechistico (2 Tm 2,2: cf. 2,8 e 1,12). Erano in specie i responsabili della liturgia (1 Tm 2,1-15), dell’assistenza alle vedove e ai poveri (1 Tm 5,3-16); avevano il compito di far evitare gli eretici incorreggibili (Tt 3,10), di far da giudici nelle accuse contro un presbitero (1 Tm 5,17-22; Tt 1,5-9) e di diaconi (1 Tm 3,8-13)”.
⁹⁹ A. LEMAIRE, *Les ministères aux origines ...*, *Op. cit.*, p. 126. O autor remete para P. DORNIER, *Les épîtres pastorales*, Paris, 1969, p. 128.

te com o anúncio da *Palavra* evangélica e com o *ensinamento* (1Tm 5,17; Tt 1,9)¹⁰⁰. Embora vá mais longe na interpretação do uso do singular¹⁰¹ e afirme que “uma diferenciação, uma especialização das funções aparece nitidamente, desde então, no seio dos presbitérios”, no sentido em que “alguns presbíteros são chamados a presidir, e esta presidência é uma função de ‘palavra e ensinamento’ que faz pensar no papel do *epískopos* de que se tratou mais acima e que devia saber ‘presidir’ e governar a Igreja, ser apto ao ensinamento”¹⁰², Colson se pergunta: “a presidência era colegial, como pode aparecer de acordo com 1Tm 5,17? Ou era assunto de um só, o *epískopos*, como se poderia acreditar ao ler 1Tm 3,1-7? Ou ainda, neste caso, a presidência ou *epískopé* era atribuída por um tempo somente a este ou àquele dos presbíteros aptos a essa função de presidência, o que poderia ser coerente com as duas passagens da epístola?”. E conclui Colson: “Na época das epístolas pastorais entretanto *uma tendência* parece surgir, no interior dos presbitérios, para uma presidência, uma supervisão, ou *epískopé* confiada a um só, desde que ela não seja talvez vitalícia nas mãos do mesmo presbítero”¹⁰³.

Além disso, certamente, houve um período (mais longo ou mais breve, conforme o caso) em que coexistiram, numa rede de relações muito difícil (senão impossível) de descrever, apóstolos-missionários como Paulo, “presbíteros-*epískopos*” nas comunidades locais, e missionários mais ou menos itinerantes, encarregados, como Timóteo e Tito, da supervisão das Igrejas fundadas por Paulo e pelas quais tanto uns como outros se sentiam responsáveis.

Seja como for, porém, chegou um momento em que tanto os Doze como os apóstolos-missionários acabaram desaparecendo de cena e muitas de suas funções foram assumidas pelos “*epískopos*” que permaneceram. Segundo Brown, embora o Novo Testamento não dê muito destaque à transição de uma Igreja em que os apóstolos ocupavam o primeiro lugar para uma Igreja em que o primeiro lugar é ocupado

¹⁰⁰ G. LEONARDI, “Varietà di ministeri ...”, *Op. cit.*, p. 130.

¹⁰¹ J. COLSON, “L’organisation ...”, *Op. cit.*, p. 70: “L’emploi du singulier pour parler de l’exigence de savoir tenir la tête (*prostenai*) de sa propre maison pour pouvoir prendre soin (*epimelesetai*) de l’Église de Dieu – on ne peut s’empêcher de penser ici à l’*epimeletes* des cités grecques – la crainte que l’orgueil ne lui tourne la tête, si c’est un converti de fraîche date, tout cela évoque un rôle de président de type ‘monarchique’ (au sens étymologique bien sûr) à la tête de la communauté”.

¹⁰² *Ibidem*, p. 70.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 71. Escritos paralelos não nos ajudam a esclarecer esta situação: os “guias” (*hegoumenoi*) de Hebreus (cf. 13, 17.24 – plural), apesar da insistência para que “velem” (*episkopountes*) (cf. 12,15; cf. At 20,31), não são chamados de *epískopoi*; a carta de Tiago só menciona os “presbíteros” em relação à assistência aos doentes (cf. Tg 5,14-15); a 1ª Pedro apresenta os “presbíteros” como pastores, cf. 1 Pd 5,2: *poimánate*; (cf. At 20,28).

pelos “epískopos”, a 3ª Carta de João (em suas entrelinhas) nos mostraria que esta transição não deve ter sido fácil: “Até os apóstolos como Paulo estarem vivos, os ‘epískopos’ nas Igrejas fundadas pelos apóstolos podiam exercer apenas um controle limitado, porque os apóstolos podiam sempre intervir com a autoridade do fundador-pai, como no caso da carta aos Filipenses. Mesmo depois da morte dos apóstolos missionários, é possível que freqüentemente tenha sido reconhecido o direito de exercer uma supervisão pastoral sobre as Igrejas locais aos seus discípulos mais próximos (os apóstolos da segunda geração), por eles conhecerem qual teria sido a opinião do apóstolo. Se as cartas pastorais não foram escritas por Paulo, elas mostram como Timóteo e Tito, que foram companheiros de Paulo, podem ter instruído¹⁰⁴ os “presbíteros-epískopos” e fixado as condições para os candidatos ao episcopado (seria intenção dessas cartas fixar o direito de os apóstolos da “segunda geração” fazerem isso?). Mesmo assim, num determinado momento ao final do século I, o fluxo vital da era apostólica diminuiu e a intervenção dos discípulos dos apóstolos e dos discípulos dos discípulos começou a ser rejeitada como uma interferência. Parece, diz Brown, ser este o caso de 3Jo. Esta carta foi escrita pelo “presbítero”: existem várias teorias sobre o significado deste título, mas ele provavelmente se refere a um destacado discípulo de um apóstolo [Brown apoia a tese de que os autores das cartas de João podem ter sido discípulos próximos de João, filho de Zebedeu]. Como podemos ver em 2Jo, este presbítero fala com autoridade a mais de uma Igreja e, provavelmente, dispõe de emissários que viajam de Igreja em Igreja, evangelizando, mas também relatando ao seu mestre o estado das coisas nas diferentes Igrejas (3Jo 5-8.10.12). No caso de 3Jo, porém, o presbítero não escreve diretamente à Igreja, como em 2Jo, porque Diótrefes, que ocupa o *primeiro lugar* naquela comunidade, não reconhece a autoridade do presbítero. De fato, ele ignorou a(s) primeira(s) carta(s) do presbítero e não recebeu os emissários dele na sua Igreja (3Jo 9-10). Aparentemente, temos aqui um líder de uma Igreja local afirmando a sua independência, e tudo o que o presbítero pode fazer é ameaçar ir até lá e acusar Diótrefes de insubordinação diante da comunidade. Não há indício de que o presbítero possa destituir o líder local. A autoridade absoluta dos apóstolos sobre os líderes das Igrejas acabou¹⁰⁵. A instituição dos “presbíteros-epískopos”, nos limites dos escritos do Novo Testamento, chegou ao seu último desenvolvimento. O episcopado monárquico, ou, mais precisamente, o monoepiscopado, já está batendo às portas!

¹⁰⁴ Não seria “instituído”?

¹⁰⁵ R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo ...*, Op. cit., p. 75.

Conclusões¹⁰⁶

1) Na constituição do ministério episcopal e, correlativamente, do ministério presbiteral confluem pelo menos quatro figuras presentes no Novo Testamento: o discípulo, o apóstolo, o presbítero-bispo e o presidente da eucaristia¹⁰⁷.

2) Os primeiros presbíteros cristãos devem ter surgido, ainda muito cedo, na Igreja de Jerusalém, seja na comunidade helenista (os Sete cuja origem é mencionada em At 6,1-6), seja na comunidade judaica (os presbíteros mencionados a partir de At 11,30).

3) Seu referencial de origem é a instituição dos anciãos (*zeqenin*), de que eram dotadas as sinagogas judaicas, em Israel e na Diáspora.

4) As Igrejas que surgiram da missão sob a responsabilidade da Igreja de Jerusalém devem ter sido dotadas, praticamente desde o seu início, de um colégio de presbíteros.

5) Embora seja possível que Paulo, no início de seu trabalho missionário, tenha instituído presbíteros nas comunidades fundadas por ele, não encontramos esse ministério nas comunidades tipicamente paulinas.

6) As Igrejas paulinas tinham inegavelmente uma organização ministerial, mas estes ministérios não eram uniformes, como se pode inferir da relativa terminologia usada nas cartas autenticamente paulinas.

7) Não se deve minimizar a diferença de vocabulário que separa Paulo de Lucas quanto ao uso do termo presbítero, mas também não se deve majorar a importância, como se, não usando o termo presbítero, Paulo não conhecesse nada de semelhante. A "terminologia" certamente é diferente, a "organização" é própria a cada contexto sócio-cultural, mas a "estrutura" revela uma certa semelhança¹⁰⁸. Entre aqueles que "presidem" em Tessalônica (1 Ts 5,12), as primícias da Acaia que se "dedicaram ao serviço dos santos" em Corinto (1Cor 16,15), os *epískopoi* de Filipos (Fl 1,1), e quem "preside" em Roma (Rm 12,8), por um lado, e os presbíteros, por outro, há elementos estruturais comuns.

¹⁰⁶ Remeto para outro trabalho, ou para um próximo número de *Perspectiva Teológica*, as questões relativas à razão histórica da emergência dos presbíteros-episcopos, à razão formal do ministério presbiteral-episcopal e às forças e fraquezas da configuração que esse ministério tomou nas Cartas Pastorais.

¹⁰⁷ Cf. R.E. BROWN, *Sacerdote e bispo ...*, *Op. cit.*, p. 27ss.

¹⁰⁸ Cf. B. SESBOÛÉ, "Ministerios y estructura de la Iglesia", in J. DELORME, *El ministerio y los ministerios ...*, *Op. cit.*, pp. 323-325.

8) Nos limites do Novo Testamento, os termos “presbyteros” e “episkopos”, do ponto de vista lexicográfico, são fundamentalmente sinônimos, o primeiro, correspondendo ao título da função, o segundo, ao seu conteúdo, justificando-se, assim, para o Novo Testamento, o emprego da palavra composta “presbíteros-episkopos”.

9) A figura dos episkopos cristãos tem um paralelo muito próximo nas figuras do “mebaqquer” e do “paqid” de Qumrân¹⁰⁹, para o ambiente judaico, e alguma semelhança com os “episkopos” das cidades e/ou associações religiosas gregas, para o mundo helenístico, o que certamente facilitou a criação da função, o uso do termo e a ulterior sobreposição de significados nos dois contextos.

10) As cartas pastorais não documentam o surgimento do ministério presbiteral-episcopal na Igreja, mas a conformação peculiar que essa função assumiu na transição da Igreja apostólica para a Igreja subapostólica.

11) O Novo Testamento não conhece ainda a diferenciação funcional entre presbítero e bispo, ainda que seus últimos escritos pareçam insinuar a emergência de um presbítero-presidente no seio do colégio presbiteral da Igreja local.

12) A diferenciação entre presbítero e bispo só se dará fora do Novo Testamento, e, do ponto de vista terminológico, será preciso aguardar um período relativamente longo para que a linguagem se uniformize e se estabilize em todas as Igrejas

Antonio José de Almeida — Obteve o título de mestre em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, em 1984, e de doutor em Teologia pela mesma Universidade em 1986, com a tese *Os ministérios não-ordenados na Igreja da América Latina*. É pároco da Catedral de Apucarana — PR, Diretor da Escola de Teologia “Padre Tito Cerasolli” e Professor de Teologia no Centro Interdiocesano de Teologia de Cascavel, PR. Entre outras obras publicou *Os ministérios não-ordenados na Igreja latino-americana*, Loyola: São Paulo, 1989 e *Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina*, Loyola: São Paulo, 1989.

Endereço: Catedral Nossa Senhora de Lourdes
Praça Rui Barbosa, s/n
86.800-970 Apucarana — PR
e-mail: catedral@net.com.br

¹⁰⁹ “Tra il mebaqquer qumraniano e l’episkopos cristiano non c’è equivalenza, ma analogia”: R. PENNA, *L’ambiente storico culturale delle origini cristiane: Una documentazione ragionata*, Bologna, 1991, 3ª edição, p. 67.